Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de Goiás **Class.:** 19

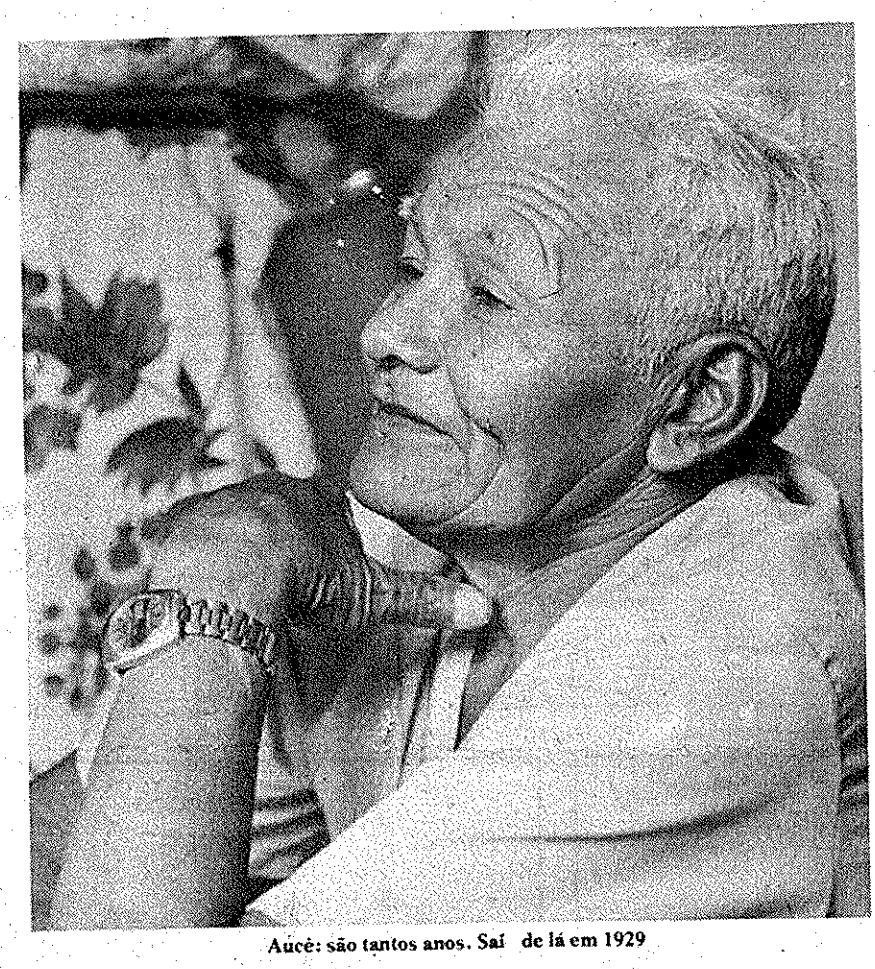
Data: 23.04.80 **Pg.:**

190

Está se extinguindo um dos ramos *parecis*

Sem posto indígena, consequentemente sem assistência da Fundação Nacional do Índio, segundo Aucê, que há muito tempo se integrou à sociedade dos brancos, inclusive servindo à instituição por longo período, o seu povo, representado por diversas tribos, de ramificações dos *Parecis*, têm por nome geral *Kiapês*, atualmente está reduzido a uns 200, quando antigamente, sem o contato com o chamado civilizado, reunia de 10 a 15 mil membros.

Demonstrando uma certa dificuldade em se lembrar de fatos ligados ao seu povo, o índio Aucê, que hoje reside no Conjunto Caiçara, desta Capital, explicou que a última vez que esteve com ele foi em 1942. "É muito difícil falar a respeito... são tantos anos".



Aucê: são tantos anos. Saí de lá em 1929

UMA ÁREA

Sobre a redução da sua comunidade indígena, falou que em 1918, com a febre espanhola, ela começou a diminuir. Depois, com a aproximação do branco, principalmente do seringueiro, ficou menor, visto que esses contatos provocavam mudanças, em especial das mocinhas e rapazes que iam com eles para os povoados com promessas de trabalho. "Muitos se afastaram e não mais voltaram".

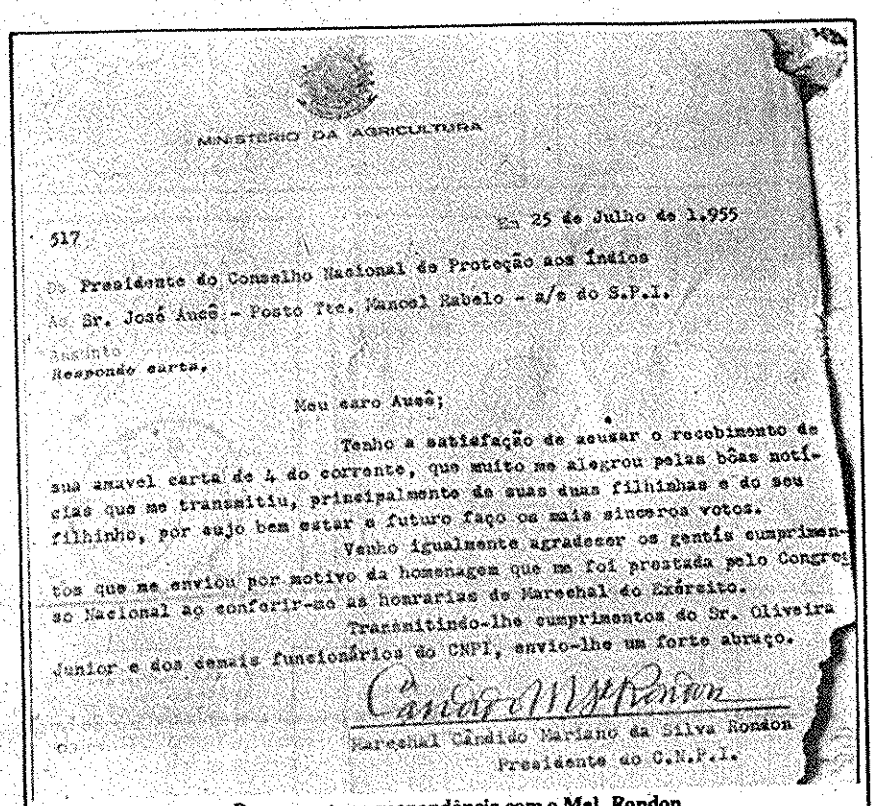
Agora, disse Aucê, vivem com o apoio de alguns que por lá moram, na maioria seringueiros. Sem posto indígena, não contam com a ajuda da Funai. "O ideal seria a demarcação de uma área para eles", declarou.

Dizendo que a primeira providência para uma assistência direta seria a sua localização, para, em seguida, procurar determinar uma área onde possam viver mais tranquilamente, sugeriu Aucê. "Hoje eles são poucos, portanto não sendo necessário uma área grande. Mas, até agora, nada foi realizado. Há muita burocracia..."

SUBSISTÊNCIA

Antes de informar como vivem, no momento, Aucê procurou dar uma idéia da sua localização. "Estão nas cabeceiras do Rio Curumbiara, afluente do Guaporé, atualmente Território de Rondônia. Os lugares mais próximos são Guajara-mirim e Vila Bela de Mato Grosso".

Quanto a sua forma de vida, Aucê foi sucinto. "Vivem da lavoura, como meio de subsistência. De vez em quando, saem para trabalhar para os seringueiros, mas sempre volta. E, assim durante muitos anos".



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

Rio 25 de Julho de 1.955

517

Do Presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios

Ao Sr. José Aucê - Posto Ten. Manoel Rabelo - a/c do S.P.I.

Assunto
Respondo carta.

Meu caro Aucê;

Tenho a satisfação de acusar o recebimento de sua amavel carta de 4 do corrente, que muito me alegrou pelas bôas notícias que me transmitiu, principalmente de suas duas filhinhas e do seu filhinho, por cujo bem estar o futuro faço os mais sinceros votos.

Venho igualmente agradecer os gentis cumprimentos que me enviou por motivo da homenagem que me foi prestada pelo Congresso Nacional ao conferir-me as honrarias de Marechal do Exército.

Transmitindo-lhe cumprimentos do Sr. Oliveira Junior e dos demais funcionários do CNPI, envio-lhe um forte abraço.

Cândido M. Rondon

Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon
Presidente do C.N.P.I.

Permanente correspondência com o Mal. Rondon

DESEJO CONFESSADO

Com expressões de saudade, Aucê confessou o desejo de lá voltar, apesar de tantos anos decorridos. "A última vez, em 1942, encontrei só um casal de tios. Não queria que eu viesse... É muito difícil, o tempo não permite. Veja que ainda trabalho, sempre tenho uma ocupação, inclusive com a Funai, onde presto meu auxílio.

O índio Aucê deixou definitivamente a sua tribo em 1929, sendo levado para o Rio de Janeiro pelo Marechal Rondon, que tornou-se um amigo. Depois para São Paulo, quando ficou por 3 anos estudando na aldeia dos guaranis. De volta ao Rio, esteve na Marinha como fuzileiro naval e, em seguida, no Dasp e SPI, como funcinário.

Durante anos, Aucê manteve correspondência com o inesquecível Marechal Rondon, que sempre lhe dedicou fraterna amizade.

Apesar de tudo, índio mantém suas tradições da era pré-colombiana

O índio se distingue dos demais brasileiros pelo modo com que encara a sociedade nacional e, por sua vez, é encarado por esta. Ele ainda se mantém vinculado a uma tradição pré-colombiana, por costumes, hábitos ou meras identificações étnicas e, como consequência, apresenta problemas de inadaptação à sociedade nacional.

27% da população indígena - ao todo aproximadamente 100 mil - vivem isolados; 36% acham-se integrados, e o resto, estabelece contatos intermitentes. E estão sofrendo um processo de extinção gradual desde a época do descobrimento, quando eram 3,5 milhões. Processo que nos dias atuais se vê incrementado pelo maior poderio dos brancos que cortam o território nacional em todas direções.

Tal fato leva a crer que até o ano 2.000, praticamente deixarão de existir índios no Brasil.

A sociedade nacional, que se considera superior e civilizada com relação aos índios, acha que o verdadeiro progresso das comunidades indígenas deverá consistir numa integração total nesta "vida civilizada".

Mas todos os especialistas sabem perfeitamente que no futuro isso equivalerá à eliminação dos índios, porque não existe nenhum trabalho sério de preparação para esta "assimilação".

O que vigora de uma maneira geral, é o preconceito e o complexo de superioridade. A situação dos indígenas é deprimente: a Lei os considera incapazes, como se fossem menores de idade, e obrigados a trabalhar como assalariados para não morrer de fome. Eles vegetam tristemente numa situação de sub-humanidade; por sua vez, os donos da terra difundem o preconceito de que o índio é preguiçoso e manipulam esse preconceito para justificar as maiores injustiças.

É preciso que se conheça de perto esses fatos para que se consiga preservar a dignidade das tribos. O índio é um problema nacional de grandes proporções, requer providências imediatas do governo e do povo brasileiro.

A política indianista concebida pela integração ou assimilação em termos de dominação de uma cultura sobre a outra - e jamais em termos de coexistência, de respeito mútuo, de conhecimento dos direitos que têm as comunidades indígenas de viver segundo suas próprias tradições - é um erro muito grande.

Por isso é que antes que seja tarde demais, é necessário uma ação coordenada que preserve as florestas, a natureza brasileira enfim, e proteja ao mesmo tempo os índios que, como ontem, lhe dão vida e alma.